

ASSIGNATURAS PAGAS ADIANTADAS	
Trimestre.....	28000
Semestre.....	58000
Anno.....	88000

## ORGÃO DOS INTERESSES DA SOCIEDADE MODERNA

„Al jam una eras parati facturas, et circumducere anni vinti dactilas,  
in arquta bonum, in arquta ad circumducendum errors.  
(S. Paulo, Epistola Cap. V, v. 11, ad Ephesus.)

Maranhão, 20 de Outubro de 1881

Propriedade de uma associação.

### O PENSADOR.

MARANHÃO, 20 DE OUTUBRO DE 1881.

#### Imprensa moralizada.

Ha silencias que valem outro e silencias que valem uma condemnação.

O orgão da imprensa moralizada e dos interesses catholicos é accusado de ter mandado procurar nos sertões desta provincia um *testa de ferro* que o pezesse a salvo das penas que o codigo estabelecido para as calumnias e injurias impressas.

Para qualquer jornal dedicado as lutas politicas, a essas lutas em que a paixão partidaria não tem limites, e o campo do combate é um vasto lodajal; para esses jograes, para esses bastardos, o meio de procurar um salto—conducta que os pouha não só ao abrigo da acção penal, mas ainda que lhes conserve a mascara do anonymo, tem sido tolerado.

A revolução porém que começa diluir a velha bastilha social, vai repellindo, fazendo desaparecer da communição da imprensa esses maltrapilhos.

Si ha quem lamente os bons tempos dos *Bea te-ri, Mateuca, Malagucta, Voz do Baçanga, etc.* ha quem hondiga a aurora regeneradora, a imprensa moderna; a esta imprensa que surge limpa, resplendente desse passado imundo, do seio desses repulsivos lazatos.

A igreja porém que em tudo é estacionaria, que só cede o passo a mudida que o *knout* da revolução vai espedaçando-lhe os membros, quer conservar a velha e immoral relina dos *testes de ferro*!

Para qualquer daquelles jornaes em que a paixão partidaria absorvia a dignidade, repetimos, seria tolerada a *cara* de um responsavel, de um homem que esquecido do diploma que a sociedade outorgou-lhe, ou levado pelo fanatismo politico ou pela miseria, prestasse sua assignatura para tão negro labuarte.

Mas não tem nome, não tem qualificação, não ha lama bastante podre que possa ser applicada, que possa cobrir o *orgão da imprensa moralizada* que tendo por epigraphie estas palavras das santas escripturas: *agnoscentis veritatem et veritas liberabit vos* manda longe da capital, no alto sertão, os seus ignobis agentes embriagarem um pobre homem, um chefe de familia e arrancar-lhe por esse meio a assignatura para esendo das infamias que pretendia alisar no seio da familia maranhense.

Não tem nome, não tem qualificação uma tal facanha, quando á frente desse *papel* que se diz *orgão dos interesses catholicos*, figuram o arcepyeste da cathedra, de João Tolentino Guedella Mourão, o capellão do exercito, lente do Lyceo, padre Raimundo Alves da Fonseca e mais alguns membros da *egreja maranhense*!

Não ha qualificação, *ferro em brasa* que possa assignar tal vilania, quando o agente encarregado de alcançar o *testa de ferro* é um parente do sr. conego Mourão!

E somos nós—que nos apresentamos de visicra erguida—que assumimos a responsabilidade de *nossos actos*—os *pospumeitos*—e a *Civilisação* que manda embriagar um pobre homem e extorquir-lhe a assignatura—a imprensa moralizada!

Ha silencias que valem outro e silencias que valem uma condemnação.

Dorolheu Pinto veio aos jornaes e declarou a infancia de que fora victima. E a *Civilisação*, a ré, agarrada pela cintura, mirada á presenca da opinião publica, conserva o silencio dos convictos, dos *relapsos* que emudecem ante o juiz!

Este silencio porém não será eterno. Para desagravo da moralidade de que proclamou-se campeão, luvemos de forçaba a procurar uma defesa qualquer.

Publicamos de novo a declaração do *co-responsavel* e vamos fazel-a transcrever nos principaes jornaes das provincias.

Muito tem ainda que fazer a imprensa moderna, muito tem que lutar esta filha da revolução; o seu leigo desfiará mais de uma vez, antes de conseguir repellir, aniquillar estes bastardos que a fazem rorar:

#### DECLARAÇÃO

No dia 21 deste mez, (se não me engano), o sr. Ignacio Guedella Mourão, aqui residente, abusando do meu estado, nas horas que elle não de proposito me fazia ficar perturbado por effeito do alcool, fez-me assignar um papel, em o qual eu me dizia—editor dos jornaes «Civilisação» e «Faro»; e responsavel por toda publicação nos mesmos finis—e isto no dia de sua partida para Caxias; mas não sendo isso de minha vontade, pois não só não auferi lucros para tal fim, como não tendo interesse algum nas questões das Srs. padres, tendo sido apenas illudido pelo Sr. Guedella, poude-me em estado alcoolico de poder conseguir seus fins, applicando ainda mais as mecleas de amigo; declaro desde já que não só não sou editor dos jornaes «Civilisação» e «Faro» como não me responsabilizo por nem uma publicação n'elles feita, pois não tenho para isso razões, a não ser a falsidade de que uso o Sr. Guedella Mourão para comigo, afim de agradar a seu irmão o conego Mourão e seus amigos, embora com a desgraça de um pobre pai de numerosa familia.

Não tivesso consideração a mim, como não teve, mas condusse-se no menos de minha familia de quem sou unico arriano.

E demais, não pode produzir effeito algum semelhante responsabilidade; pois estando eu sendo processado aqui desde o dia vinte e quatro do junho ultimo lin-

do por crime de ferimentos, não foi esta circumstancia declarada na folha corridã que acompanhõ o mesmo abaixo assignado, segundo fui informado por não ter sido fallada o cupenho do Sr. Guedella pelo escriptão da delegacia de policia d'essa villa, por cujo cartorio exorta um inquerito policial contra mim; e por cujo crime foi denunciado pelo promotor publico da comarca em 14 deste mez como tudo consta da certidão que junta o que pedo seja publicada.

Ainda acha-se illegal a folha corridã alludida por não ter sido fallada por todos os escriptães desta comarca como manda a lei; d'aqui não fallaram os escriptães da delegacia, subdelegacia e juiz de paz; assim como não fallaram os de Loreto, e Pastos-Bons, todos desta mesma comarca. Assim pois protesto contra a declaração de meu nome nos jornaes «Civilisação» e «Faro» como editor responsavel.

Nunca fui e nem hei de ser; e nem os srs. padres deverão uzar de um meio tal para exercerem seus caprichos contra o paz e os honros de bem visto que o programma de sua folha é todo honestidade.

E mesmo contrario á religião desgraçar-se a um pai de familia para satisfazer paixões.

Se tem desejos de viangaça responsabilisem-se pelos seus actos, e não prejudiquem a um pobre com familia em nome da religião, aproveitando-se de um fecco que elle tem.

Não sou responsavel dos jornaes «Civilisação» e «Faro», Mirador, 3 de julho de 1881.

Dorolheu Manoel Pinto.

E na mesma occasião dirigi á redacção da «Civilisação» e «Faro» a seguinte declaração:

Declaro que não sou editor e nem responsavel dos jornaes «Civilisação» e «Faro», Mirador, 3 de julho de 1881.

Dorolheu Pinto.

Revolveo as duas assignaturas de Dorolheu Manoel Pinto e deu fe. Mirador, 29 de julho de 1881.

Eu testemunho da verdade.—O tabelião, José Raimundo Everton.

#### O que valem elles.

Muitas vezes temos dito que não guerreamos os padres, porque nos inspiram odio. Elles o que nos podem merecer é unicamente compaixão. É esse o unico sentimento que nos podem inspirar homens que tem de subjettar-se ás duras condieões em que os collocaram. O que nos leva a guerrear os padres é simplesmente o interesse que nos inspira a paz de nossas familias, o socorro de nossos concidadãos.

Nós não temos ojerisa pessoal aos padres. E si só dependesse de nós, nós

somente lhes dariamos o despreso. Mas trata-se de interesses que não são nossos e que importam com o bem estar da sociedade em geral.

Si apresentamos ao publico os maos actos das padres, as suas immoralidades, não é um novel reprovado que a isso nos leva. Não, mil vezes não. O que queremos com isso é não somente que os nossos concidadãos se previnam e não considam que suas mulheres e filhas se entreguem de corpo e alma á figura sinistra e tetrica do confessor.

Mas os padres e seus sobraes, metifiros como sempre foram, procuram desconsiderar-nos no conceito publico. Inventam quanta inverdade uma intelligencia affeita ao mal pode produzir. Contam quantas historias o bestunio lhes suggere, como si o nosso publico se compozesse de locos que se deixassem illudir muito facilmente.

E ninguém mais adu'ora as nossas intenções do que um baclarel *Antonio Manoel dos Reis*, ultramontano proprietario de um jornal—o *Brazil Catholico*. Esse homem não e perverso é um dos nossos mais tenazes inimigos. Acostumado talvez á pratica de actos reprovadissimos, esse homem confinde a nossa posição com a sua; e dirige-nos os maiores insultos.

Pois, é esse homem que o padre Antonio dos Santos Reis, vigario do Alegrete, toma como base para formar juizo de nós. Realmente, não podia ser peor a escolha. Um homem de tanta desfaçatez, que faz tanto garbo em insultar a tudo e a todos, é o peor testemunho que por ventura se pode tomar.

Muito acertada andou o digno violator do *Sevab*, do Alegrete, não acreditando no testemunho que o padre vigario chamou, para provar que nos somos uns verdadeiros malvados. Nossos parabens ao illustre collega que não se deixou embuir pela amistosã carta do padre vigario.

Eis o que sam elles—os nossos adversarios: Uns homens de má fé e máa mais.

Si se ha-dee humar, para dar-nos a conhecer um homem sensato e imparcial chama-se um *Antonio Manoel dos Reis*! Um typo da grei d'aquelles que nós atacamos! Ora, Byd, padre vigario, isto é falta do senso. O padre vigario deve conhecer *Antonio Manoel* mais do que nós...

Antonio Manoel e o vigario sam, perem da mesma laia. Que lá se avenham.

Nós nada temos que ver com esses dons typos, de quem nos repugna tratar. Deixariamos até de falar nelles, si não tivessemos necessidade de desfazer

qualquer má impressão, que deixasse no espirito do nosso digno collega do *Seculo*, a leitura da astuciosa carta do padre vigário. O que vale, porém, é que o collega, perspicaz como é, declara inclinar-se mais a acreditar nas nossas palavras, porque sam a expressão da realidade.

E de facto assim é. O nosso bispo pratica, todos os dias, actos que repugariam a um individuo de mais baixa posição social. Os nossos padres praticam todos os dias actos os mais reprovados e toda a sorte de bandalheiras.

E ainda vem um typo como o idiota *Antonio Manoel* dizer que nós somos pasquinheiros, e um vigário do Alegrete dizer que nós não merecemos conceito, porque *Antonio Manoel* o disse! Quanta insensatez!

O digno collega do *Seculo* não se deixou iludir, porém. Nós o confiamos. Continúa a fazer de nós o mesmo juizo que fazia antes da carta do vigário. Elle mesmo o disse.

E quanto basta.

### Estultia ameaça.

Os *tabes* espalham por ali que da sagrada typographia da *Civilização* está para sair um outro pasquim que não dará treguas a pessoa alguma que sympathise com a causa d'*O Pensador*, no qual a redacção terá lugar especial para negras biographias.

Não causará admiração mais este parto da hybrida união do conego Mourão e padre Fonseca.

Espalham mais que do sertão, chegou ha dias um typo acobardado que é parente do azevêdo e que vem occupar o lugar regediado pelo *Dorothen Pinto*.

Até que o sr. conego Mourão encontrou um *teste de ferro*? Graças porém a moralidade, teve s. revm. de recorrer a gente de sua casa. Ante a recusa do moço Osorio que conseguiu arrancar de si a fatal túnica, foi preciso esse sacrificio.

A ameaça porém não pode ser mais estultia.

A redacção d'*O Pensador* é composta de moços a quem o contacto dos *tabes* e *cutyphes* ainda não pôde corromper; de moços que ainda não dobraram os joelhos diante dos *mourões* e dos *foveiros*; de moços que têm a cabeça erguida e que fiam a sociedade sem receio de que esta lhes faça o rubor chegar às faces.

Que poderão elles dizer os pasquinheiros de S. Antonio?

Quando forem atacados usirão do direito do represalia, fazendo a lama voltar aos padres e seus *phosphoros*.

Então não se queixem desta mocidade generosa que ergueu-se entre a latina e a consciencia; não se queixem do azorrague que ella manear para correr meia duzia de especuladores e sicarios—que dizem-se *campões dos direitos catholicos*.

Quanto as familias que sympathisam com a causa nobre e elevada d'*O Pensador*, essas constituem quasi que a familia maranhense, têm chefes que as sabem defender, que occuparão, não a pena, mas o vergulho tão condecorado nos sertões desta provincia e nos do Piahy pelos *mourões* e *foveiros*!

Venham pois! Saia o pasquim! As infamias opporemos a verdade nua e crua. Venham as biographias que a ellas

responderemos com os apontamentos que possuimos e estamos colhendo.

A raça de assassinos e seductores de orphãos e mulheres casadas terá obra completa; o diuheiro de desprotegidos orphãos, de viúvas reduzidas á miseria e espolios empalmados, a historia dos *assaltos à mitra do frade bispo*, a negra *migratão de alguns padres* para com aquelle anjo de paz e martyr, constituirão o *appendice*, não ficando em esquecimento a *lenda incestuosa* do padre *Zabumba*, e do *filho de meu tio* com que as vellhas parteiras deleitam ao serão os ouvidos de suas impudicas *vetas*.

Estamos promptos. Apenas sentirmos que os *tabes* se tenham esquecido do *Porto Livre* e do popular *Sabatão*.

Venham, venham miseráveis! que vamos de desmascaral-os.

### Ecuador.

É este o titulo de um novo jornal que se publica na capital do Conra. Escripção com independencia, n'uma linguagem franca e elevada, na altura dos principios que professa, o *Ecuador* tem por fim advogar a causa do povo, que é a causa da justiça e do direito.

N'uma epocha como a presente; n'uma situação arriscada e escabrosa, como a que o paiz inteiro atravessa, é sempre uma forte garantia de progresso e verdadeira liberdade o apparecimento de um jornal como o *Ecuador*, onde se discutem com clareza e precisão as reformas urgentes que necessita a patria, onde se condemnam com franqueza e elevação d'espirito todos os maus principios, todas as idéas retrogradadas.

É essa a missão da imprensa, sempre que ella se acha comprometida dos seus deveres. É essa a imprensa livre, a imprensa que ensina, que esclarece, que moralisa, que segue a linha recta da verdade, firmada na justiça e na razão.

O *Ecuador* move-se nessa região elevada. Não pertence a nenhum dos partidos militantes. Por isso vê-se-lhe que o seu fim não é bater-se por interesses pessoais, de familias, o que constitue a politica brasileira.

A sua palavra, que é sincera e positiva, muito fará em beneficio do povo, desse pobre povo, que só faz pagar impostos áquelles que lhe arrancam até os seus mais legitimos direitos.

Esperamos que o *Ecuador* honre sempre a nobre idéa que está ligada ao seu nome.

A frente da sua distincta redacção achase Frederico Severo, o que é uma grande recommendação.

Nós complimentamol-o.

### O cunho do desfaçatez.

O pasquim clerical, que havia mudado de linguagem desde que Dorothen Manoel Pinto declarou pelo mauo que não era mais responsavel pelas suas infamias, publicou no seu n. de 13 do corrente uma furiosa diatribe contra o nosso periodico.

Não nos admira a baixeza de linguagem, nem o desbragado da phrase dos padres de Santo Antonio, porque naturalmente elles já tem algum novo des-

graçado que vá perante os tribunaes responder pelas calumnias e infamias do do Mourão e seus dignos associados; o que porém nos faz pasmar é a audacia com que classificam de imprensa moralisada esse immundo pasquim, que se diz órgão dos interesses catholicos e onde quatro vezes por mez vomitam esses salcedores de latina as maus torpes injurias contra a sociedade maranhense.

Quem tiver lido os escriptos do *Joaquim de Albuquerque*, cuja linguagem faz corar as proprias regateiras; quem viu as infamias proferidas contra o Colendissimo Tribunal da Relação; quem tiver admirado a insolencia da canalla, arragoçando a batina e penetrando no lar domestico para abocanhar o santuario da familia; ha-de forçosamente pasmar como nós ante a petulancia d'esses saltimbancos que se arrogam o titulo de jornalistas moralisados!

Jornalistas! elles que não se pejam de deixar o *rapazião Osorio* soffrir as consequências de um processo, sendo afinal convicto de caluniador!

Jornalistas! elles que abdicaram da dignidade e foram procurar um *teste de ferro* no interior para represental-os nos tribunaes!

Jornalistas! elles que mentem descaradamente, sujeitando-se a humilhações vergenhosas, como a que ultimamente soffreram de Agrippino Azevedo!

Jornalistas, nunca. Pasquinheiros e pasquinheiros covardes, sem a dignidade precisa para sustentar as infamias que concebem.

De nada lhes tem aproveitado o nobre exemplo dos adversarios.

De nada lhes tem aproveitado as severas lições que constantemente lhes ministramos, já apresentando-nos como responsaveis de um artigo de colaboração estroada, já finalmente repellindo com energia o covarde perlião d'esse padre *Bonafé* e aguardando com toda a serenidade a ultima palavra da lei.

Cobardes, que vivem chafurdados na lama da difamação, corroidos de inveja pela consideração que o Governo Imperial dispensa ao nosso periodico.

Cobardes, mil vezes cobardes.

### A interdição do cemiterio.

Pôe um dos primeiros actos do nosso incomparavel bispo a interdição do unico cemiterio que possuimos.

Motivou esse procedimento anti-caridoso o enterramento de uma infeliz S.ahora que se suicidára.

Este lamentavel facto que despertou a piedade de todos, ainda dos mais incivis, pois é sempre doloroso e lastimavel o triste espectraldo d'um suicidio, não conseguiu fazer vibrar a alma dura e pequenina do irracional *pastor*, a cuja guarda confiaram em má hora as ovelhas maranhenses.

Ao contrario, a piedade do Rvm., essa piedade christã tão preconizada nos seus massulos sermões, traduziu-se nesse acto violento e condemnavel, por todos altamente censurado, com que entre nós estroou o celebre D. Antonio d'Alvarenga.

Não sabemos se os maes *canones* da igreja, e isso pouco importa, outhorizam semelhante destempero, mas o que podemos garantir é que aqui nunca se viu um ataque tão directo ao bom senso.

A religião do crucificado, que ensina

a pelear as offensas e fraquezas do proximo, e para o Sr. D. Antonio um escudo raugoroso com que procura acobertar as faltas que constantemente comete no desempenho de alto cargo p'ra que lhe faltam as mais insignificantes habilitações.

Concedamos que fosse necessario para desafivada da igreja romana essa triste paliçada, mas não bastavam alguns mezes de castigo para social-a?

Não, porque o emergimento bispo, sempre que o publico lhe censura o inconveniente proceder, faz praça de valentão e leva a tomosia a ponto de assemelharem-se aos irracionaes.

Não escrevemos estas palavras no intuito de desviar o prelado do plano inclinado que de ha muito trilha, porque uingnem melhor do que nós o conhece; e quando assim não fosse, bastava o facto recente do padre Barboza, para habilitar-nos.

O Pessaoem denuncia este sacerdote como immoral e dissoluto que é, e o bispo longe de punir o criminoso que, em nome da religião, deixa a prostituição por onde passa, leva-o para o paço e ali o exhibe acinzentado das janellas!

Pena é que o diocesano não tenha filhas, porque então seria o proprio Sátyro, quem nos havia de vingar, lá mesmo no paço.

Mas como diziamos não escrevemos para demover o bispo a sim para tornar bem saliente o procedimento viogativo d'aquelle que se diz representante do Christo na terra.

E agora que se aproxima o dia em que todos vão ao cemiterio dirigir preces pelos seus finados, deve um brado univoco partido de mil boccas, levantar ali mesmo um solenne protesto contra os actos d'esse homem, que só se recommenda pela ignorancia e malvadez.

## COLLABORAÇÃO

### O padre Fonseca d'outr'ora comparado com o de hoje.

Todas as vezes que lançamos mão da pena para tratar sobre a corja do negro convento de Santo Antonio, fazemol-o com a maior repugnancia. Peza-nos tor constantemente de occupar a attenção publica com assumptos d'esta ordem, mas torna-se preciso extirpar o vicio, pôr um paradeiro ao reinado do servilismo e da immoralidade.

Não supponhão as pessoas indifferentes á luta ou, antes, os officiosos e *sicados censores*, que é já por mero capricho, que apontamos os defeitos dos torques commensaes de um bispo ignorante e presumposso.

Vamos hoje occupar-nos do papel miseravel, que representa o padre Fonseca perante a sensata sociedade maranhense, não grado a sua fallada illustração de transcendente theor.

Outr'ora, antes que para cá viesse esse bandido do roupeta, cujo nome indica perfeitamente a pessoa—o Guedelha, antes mesmo, que possuíssimos um bispo tão apurvalhado e pedante, gozava o padre Fonseca, alem da fama de grande phisosopho, a maior veneration, que pode prestar a um homem, um povo honesto e bem intencionado, como é o nosso.

Não fazíamos parte d'essa grei, que, de thuribulo em punho, incensava os pés do virtuoso sacerdote. Tíhamos, contu-



